

BREVÍSSIMA HISTÓRIA DOS GÊNEROS

O movimento feminista é o facto fulcral do nosso tempo. As mulheres não se sentem respeitadas na sua humanidade e pedem revisar o reparte do poder. Envolvem-se elas, e também é certo que o reparte do poder entre géneros sempre foi gerido pelo conjunto humano, com ou sem guerra de sexos. Quadra indagar os impulsos do reparte, os mais vindos do inconsciente, em diálogo com as circunstâncias ao sol.

O processo dá-se na cultura global, gerada por culturas a falar línguas indo-europeias. Todas as línguas têm consciência e inconsciente, que são da sociedade que nelas pensa. Eis dous assertos a provar alhures, relevantes aqui pelas notícias surpreendentes.

ANTECEDENTES EVOLUTIVOS.

Na natureza os sexos têm economias de reparte tão várias que nos distraem, como se vê nos insetos. As aves, eco dos dinossauros, têm mais igualdade e repartes funcionais flutuantes nas espécies. Nos mamíferos há condutas a antecipar os arquétipos humanos, o que resulta em miragens qual a dos machos dominantes. Os estereótipos tolhem ver que o domínio dos machos se exerce nos machos dominados antes que nas fêmeas, pois que antes dos primates a violação não existe. Aproximando-nos, é nos primates onde os modelos se parecem mais com os humanos, mas como estagnados. Gorilas, chimpanzês, bonobos e orangutões caricaturizam as culturas humanas, que partilham rasgos dos primates. Os gorilas, apesar da imagem terrível, são herbívoros pacíficos. Mais perto dos humanos, os chimpanzês chegam a matar-se em guerras de bandos. Os bonobos não se agredem e tudo o resolvem com sexo. Os orangutões, arborícolas solitários, têm inquietantes aberrações evolutivas, como a dos machos imaduros praticarem a violação, insólita no mundo animal, e logo quase exclusivo de alguns humanos.

O REPARTE MÍTICO DE PAPÉIS

Apesar da variação cultural, o *reparte mítico de papéis* nunca se alterou. Desde a pré-história a gestação da vida sempre foi sagrada, selando as mulheres com carimbo especial. A gestação era misteriosa; meditar nas obscuras forças transcendentais levaram a ver a ignota Realidade Última como feminina. Parte visível da realidade, a Terra foi crida fêmea e dita Deusa Terra Mãe; desde Bachofen é tese geral. O papel másculo complementar nasce como abstração, identificado com o Céu. A *repartição mítica de papéis* no paleolítico atinge sem rigidez a busca de alimento; caçar foi labor de varões; apanhar frutos e sementes, de mulheres. A pré-história é conjetural, mas notam-no os paleolíticos atuais. Não devasso o campo de antropólogos debruçados no paleolítico ao dar um dado seu: é universal julgar femininos os números pares e masculinos os ímpares, o que se aproveitará.

As culturas costumam exagerar os rasgos da natureza, mas cabe definir assim o reparte natural: as mulheres dão atenção especial à proteção interior, ao abrigo da vida, enquanto que eles estão mais na proteção exterior, a defesa ante ameaças externas. As perversões destas funções arquetípicas são o *homem lobo*, que usa a força para danar e violar em vez de proteger, e a *bruxa*, que mesquinha a proteção de amor que sabe brindar. O conto

popular mostra feia a bruxa, mas no arquétipo é sempre formosa e terrível. Puderam-se adir as assimetrias de sexos e géneros, mas omitirei capítulos como a *história do conflito*, a *diferença fisiológica* e o do *segundo sexo*.

Não é ousado dizer que no tempo de paz o poder feminino sobe, e às avessas no bélico cresce o poder defensor do sector social mais agressivo, em geral machos. A oposição “paz feminina-guerra masculina” tem exceções tais que fazem descrer da sua essencialidade. Além de legendárias amazonas, há notícias de guerreiras nos lugares e tempos mais vários, por caso, na África ocidental do século XIX e o atual papel das curdas na defesa territorial. Mas é inegável haver pendor para aquela oposição.

Lamento fazer a contracorrente uma precisão léxica. O poder dos géneros tem tantos matizes que, apesar do vento atual, falo em culturas *metrotrópicas* e *patrotrópicas*. *Metrotrópico* é quase o que *matriarcal*, o que dá mais poder ao género feminino, qualquer que seja o grau. Mas *matriarcal* é muito absoluto. *Metrotrópico* na verdade soa pedante, mas sublinha que o pendor tem graus. O simétrico *patrotrópico* fala em poder másculo. De *matriarcado* ou *metrotrópismo* puro poucos casos marginais há. Também sei que as palavras em uso têm um poder mágico que excede o sentido superficial e que envolve subrepticamente a crítica da tradição bíblica. Não é simples.

O NEOLÍTICO

A agricultura foi invenção feminina. As mulheres, dedicadas mais à apanha de sementes e frutos, deitavam presas do grão apanhado nos eidos do acampamento provisório em sacrifício de gratidão à Mãe Terra, com a resposta da multiplicação do grão deitado. Nasce assim a cultura do cereal, de complexidades aqui desnecessárias. Essencial é as mulheres serem protagonistas do processo de uma ponta à outra. A seguir foi o tempo mais pacífico que a espécie viveu. A gente paleolítica era ínfima; cativas hordas percorriam territórios enormes. A neolítica multiplicação do pão deu num formidável crescimento demográfico. Os paleolíticos ficaram atraídos e absortos. Arrotear selvas não topava obstáculos; não havia limites infranqueáveis. O extenso tempo – na Europa do 6000 ao 4500 antes da era – teve eco no trilhado mito da *Idade de Ouro*, que antes que mito no sentido vulgar foi memória social profunda. A revolução neolítica nasce no Crescente Fértil do Oriente Médio. Hoje cultura global soa eurocêntrica, mas certo é que o Oriente Médio mais Europa criou o rio central da cultura globalizada. Facto roborado ao vermos depois o sentido psicológico dos símbolos religiosos.

Pelo 4500 aC. a expansão abrangia toda Europa e aí a paz pegou a recuar. Ao chegar ao Atlântico, minguiu a terra a arrotear e começou a disputa e a acumulação de riquezas. A par que a economia crescia, a caça deixou de ser uma grande fonte alimentícia e passou a simbolizar o poder dos varões dominantes. Um tempo continuou a ser fonte nutricia de varões marginais a morar fora da tribo, o que não foi estigmatizado e mesmo exalçado em lendas e epepeias. Mas no medievo essa caça chegou a criminosa por ser julgada símbolo do poder senhorial. Na caça atual continua a haver rastos inconscientes desse simbolismo.

Cuido que nos aguarda uma surpresa, inesperada ao menos para mim.

A RAIZ PSICOLÓGICA DOS GRANDES SIGNOS RELIGIOSOS E A QUESTÃO DOS GÊNEROS NA CULTURA GLOBAL

Estudando o simbolismo dos números, surgiu o *três* ter sido sagrado nas culturas dos povos de línguas indo-europeias, e que o é inercialmente ainda hoje.

1) Todas as culturas têm os números pares por femininos e os ímpares por masculinos¹. Se *três* é másculo, foram patrotrópicos os indo-europeus primitivos? Não, as culturas patrotrópicas, como a bíblica, projetam símbolos religiosos a ostentar números pares, femininos. Como se explica?

2) Notou Jung o inconsciente criar imagens arquetípicas (em sonhos, mitos, contos) de gênero diverso ao da consciência, a figurar o próprio inconsciente. Chamou-as *anima* e *animus*. Pois que a identidade reside na consciência, centrada no Eu, nas mulheres uma figura máscula, o *animus*, figura o seu inconsciente. E nos varões, uma *anima*.

3) Não ofendo nenhuma crença definindo antropologicamente o pensamento religioso, para além do intuito de referir-se à Realidade Última, como uma cosmovisão projetiva, intuitiva, do cosmos, vinda do inconsciente, a qual desenha um mapa do microcosmos psíquico. Os símbolos religiosos não são as religiões, as doutrinas. Surgem tempo depois de os mestres ensinar, como fruto do imaginário coletivo das sociedades crentes.

Hoje o escudo de David é o primeiro símbolo religioso do judaísmo, mas foi precedido pela menorá de sete lâmpadas, que dura a par do escudo. Ela revela um inconsciente masculino e uma consciência feminina. Depois houve mudança: o escudo ou estrela de David recua no tempo sem se saber quando nasceu. Foi amuleto nupcial de sentido equilibrado ao conter os símbolos feminino e masculino; o cariz simbólico geral é recente. Tem *seis* pontas, número par de um inconsciente feminino, e uma consciência masculina; contudo é mais equilibrado por ter dous triângulos (masculinos e ímpares).

A cruz grega de quatro braços iguais nasce tarde no século IV. A lua do Islã também surge tarde, com os turcos. Estrela, lua e cruz grega notam números pares: seis, quatro, dous. No ocidente europeu a cruz de quatro braços iguais não fez carreira, apesar de se ver às vezes em templos e ser helvética (e da Cruz Vermelha). A cruz latina quer eludir o quatro por várias vias: quer com *três* braços iguais e o quarto mais longo, quer sem o superior (Tau de São Francisco [comendadores da Ordem de Sto. António e familiares da de São João], *Charing-T n'Um Mundo Feliz* de Huxley [por *Charing Cross*]). O incómodo faz fugir do quatro e traz o pendor aos números ímpares e à triadidade indo-europeia, rasgo de origem pagã vivo no fundo destas línguas.

Os símbolos vêm do inconsciente das sociedades crentes e figuram-no. Os símbolos de femininos números pares figuram inconscientes femininos de consciência masculina. Repito: a identidade reside na consciência centrada no Eu. Logo o escudo de David, a cruz grega e a lua islâmica são símbolos religiosos de comunidades de identidade patrotrópica. A experiência vista nos olhos de culturas não ocidentais roborá-o.

¹ Apesar de Robert Graves, grande poeta que não era antropólogo.

A cultura global, nascida em línguas indo-europeias e cunho cristão latino, ainda nota – conflitiva e obscuramente – a consciência feminina, da que não somos cientes claros, mas clara nos olhos das outras culturas. Dumézil, recriador da mitologia comparada, notou que as línguas indo-europeias guardam inercialmente ainda hoje a sacralidade do três. Era sagrado no paganismo e ainda hoje divide tudo.

Eis um dado inesperado que deita nova luz no discurso feminista. E quanta mais luz haja mais eficaz será o labor; nas trevas o esforço pode dar falido ou contrário. Mas as culturas de línguas indo-europeias e cunho cristão latino terem consciência (e logo identidade) feminina não quer dizer que aqui as mulheres sejam mais felizes ou tenham mais poder que alhures. Talvez, mas é difícil sabê-lo ao certo, pois cada geração recebe o legado e a par inventa, redescobre, o mundo com olhos novos, e torna a repartir.

Complica a questão cada gênero ter modos diversos de ver o que quer. Mulheres há, condicionadas pelo tradicional *reparte mítico de papéis*, que estão cómodas e educam filhos varões dominantes. Mas é mera inércia, o atual é a incomodidade. Protagonistas óbvias são as mulheres. Obviedade que é sinal de um processo histórico que não quer guerras, apesar das pulsões dos assustados pelas novidades. Uma força chamada de vários modos (*Espírito do Tempo, Evolução, História* ou *Espírito Santo*) já não quer humanos que, reduzidos à criatividade biológica, não se dediquem à criatividade humana ampla. Quer que um 50% da espécie não fique postergado apenas à sacra geração biológica. Saturado demograficamente o planeta, a evolução busca outro caminho. É a pasmosa revelação à que se chega ingenuamente e que no futuro talvez ajude a aclarar os discursos.

TEMPOS HISTÓRICOS

Vimos duas premissas: a) o *reparte mítico de papéis* e b) a tese da cultura global, baseada nos povos de línguas indo-europeias, ter consciência feminina. Já cumpre pôr a terceira premissa para completar o quadro de raízes: c) a cristianização, que inseriu a tradição bíblica autodenominada *patriarcal* nas sociedades metrotrópicas de línguas indo-europeias.

Isso explicaria o vaivém do poder feminino no mundo global neste instante crítico. A oscilação dever-se-á à articulação da consciência feminina dos falantes de línguas indo-europeias e a tradição religiosa judaico-cristã, aquela metrotrópica, esta patrotrópica.

Pelo cariz procriativamente binário da espécie, é justamente a busca de equilíbrio nessa oscilação inelutável o que moveria o processo. Mas apesar da oscilação, o processo é inédito na história por causa da progressiva saturação demográfica do planeta. Dado o cariz basilarmente binário da espécie, complementar e assimétrico, é obrigado não descansar na marcha para manter o equilíbrio e seguir avançando. Não se pode imaginar a utopia anelada como uma terra de quietude; o paraíso buscado é de marcha, harmónica se possível, e sempre atenta aos abismos que abeiram o caminho.